

# A INTEGRAÇÃO DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO BRASIL, NA ARGENTINA E ESTADOS UNIDOS<sup>1</sup>

Herbert S. Klein

Tradução: Rolf Traeger

A Argentina, os Estados Unidos e o Brasil foram os países americanos que absorveram o maior número de imigrantes italianos durante o período da maior migração intercontinental da Europa. Cada um deles começou a atrair italianos em larga escala a partir da década de 1880 e continuou a aceitá-los em grandes números até a eclosão da Primeira Guerra Mundial e depois novamente no início da década de 1920. Ainda que o cronograma, a intensidade e o auge da imigração italiana tenham sido de certa forma diferentes nos três países, os seus fluxos de imigração se deram dentro de um padrão semelhante. Entretanto, apesar desta evolução histórica comum, a integração e a mobilidade dos italianos nestas três sociedades foram claramente diferentes durante a primeira geração e continuam sendo substancialmente diversas até hoje. O objetivo deste artigo é examinar a natureza destas diferentes experiências de mobilidade e sugerir fatores que explicam a sua evolução. Isto implicará um estudo da origem regional dos imigrantes italianos, assim como da sua integração comparativa nas Américas em termos de distribuição ocupacional, mobilidade social e riqueza relativa.

As grandes diferenças na experiência de imigração italiana nos três países foram claramente percebidas tanto pelos próprios imigrantes, como por quase todos os observadores da época. Estes destacavam as condições econômicas relativas nos três países de destino como o principal fator explicativo. Contudo, recentemente vários modelos causais alternativos foram propostos<sup>2</sup>. Um modelo cultural que enfatiza as atitudes e a formação dos imigrantes que chegavam voltou a ser corrente entre historiadores norte-americanos<sup>3</sup>. Entre os economistas, o debate acerca das diferenças nos mercados de trabalho levou a uma série de hipóteses alternativas para explicar a integração dos imigrantes. Os historiadores econômicos norte-americanos debateram a existência de preconceitos contra os imigrantes na determinação de diferenças salariais e a maior parte deles concluiu que não havia tal discriminação<sup>4</sup>. Mais importante para o nosso objetivo é o argumento de que nos Estados Unidos havia mercados regionais distintos, que tiveram um impacto sobre a mobilidade dos imigrantes<sup>5</sup>. Finalmente, trabalhos recentes sobre migrações internacionais levaram à elaboração de um modelo dual do mercado de trabalho. Ele postula a existência em sociedades industriais avançadas de

(1) Gostaria de agradecer a Zuleika Alvim pelo seu auxílio em me fornecer muitos materiais e *insights* sobre a experiência italiana no Brasil, assim como a Jeffrey Lesser pela sua ajuda com as estatísticas demográficas brasileiras. Este ensaio é uma versão completamente revisada de um artigo que originalmente surgiu como uma comparação apenas entre a Argentina e os Estados Unidos. Ver "La Integración de Italianos en Argentina y los Estados Unidos: Un Análisis Comparativo", *Desarrollo Económico*, vol. 21, nº 81, abril-junio, 1981, pp. 3-28. Uma versão posterior deste artigo com comentários de Túlio Halperin Donghi, Jorge Balan e J. Gould foi publicada na *American Historical Review*, vol. 88, nº 2, abril 1983, pp. 306-346.

(2) Para uma boa análise dessa literatura, ver J.D. Gould, "European Intercontinental Emigration, 1815-1914: Patterns and Causes", *Journal of European Economic History*, vol. 8, 1979, pp. 593-639.

(3) Nos Estados Unidos a ênfase cultural pode ser encontrada em estudos recentes como os de Stephen Thernstrom, *The Other Bostonians: Poverty and Progress in an American Metropolis, 1880-1970* (Cambridge, Mass., 1973); e Thomas Kessner, *The Golden Door: Italian and Jewish Immigrant Mobility in New York City, 1880-1915* (Nova York, 1977). Para modelos econômicos mais antigos, ver os estudos clássicos de Robert F. Foester, *The Italian Emigration of Our Times* (Cambridge, Mass., 1919) e Francesco Coletti, *Dell'Emigrazione Italiana* (Milão, 1912).

uma função básica de demanda por mão-de-obra não qualificada que ingressa em ocupações e indústrias de alto risco e baixo *status*, um mercado abastecido unicamente por imigrantes nascidos no exterior. A ênfase da teoria do mercado de trabalho dual nas estratégias dos imigrantes em relação a *status* e poupança no país de origem e no país de destino é especialmente relevante para a experiência italiana antes da Primeira Guerra Mundial<sup>6</sup>.

Para testar o modelo explicativo mais antigo e o mais recente de migração e de subsequente integração, é necessário inicialmente fazer uma tentativa de determinar se havia alguma diferença grande no "capital humano" dos imigrantes italianos que se dirigiram aos três países americanos. As experiências de diferentes padrões de mobilidade que se seguiram poderiam de fato ser devidas a diferentes níveis de qualificação e educação dos imigrantes italianos que chegavam aos três países americanos? Para responder a esta questão, devem-se examinar os dados estatísticos disponíveis, para determinar inicialmente o nível das diferenças de população entre as diversas regiões da Itália e as diferenças subsequentes — se é que as houve — nos fluxos migratórios para a Argentina, o Brasil e os Estados Unidos, tal como aparecem nas estatísticas americanas. Finalmente, tendo determinado as semelhanças ou diferenças relativas nos fluxos de imigração, é essencial determinar os diversos padrões de mobilidade. Neste último caso, as informações argentinas são bem melhores que os dados correspondentes do Brasil e deverão ser consideradas parcialmente como um modelo do que pode ter ocorrido neste último país.

Apesar de Brasil, Argentina e Estados Unidos terem sido os três principais países de imigração de italianos para as Américas entre 1880 e 1914, os fluxos de imigrantes italianos em direção a eles diferiu ao longo do tempo. Inicialmente Brasil e Argentina foram os países mais visados pelos migrantes italianos, ficando os Estados Unidos em terceiro lugar. Durante a década de 1870 e a maior parte da de 1880, a Argentina foi a principal área de recepção. No final da década de 1880, com a abolição da escravidão e a mudança maciça para a utilização de trabalhadores italianos subsidiados nos campos de café em expansão em São Paulo, o Brasil emergiu temporariamente como a principal zona de imigração, apesar do aumento constante da imigração italiana tanto para os Estados Unidos como para a Argentina. Mas os sofrimentos pelos quais os trabalhadores italianos passaram nos campos de café levaram o governo italiano em 1902 a se opor aos subsídios concedidos pelo Brasil, o que fez o fluxo para este país cair pela metade, ao passo que continuava a aumentar para os outros dois países<sup>7</sup>. Em 1900 os Estados Unidos tinham finalmente emergido como o maior receptor de italianos chegados na América. Uma vez este predomínio atingido, nunca foi ameaçado. Na época da eclosão da Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos tinham absorvido aproximadamente 70% de todos os imigrantes que se dirigiam a esses três principais países de destino nas Américas (ver *Tabela 1*).

Não só o cronograma dos fluxos foi diferente nos três países receptores, mas as origens regionais dos imigrantes também foram diversas, o que refletiu a mudança no interesse local pela migração para o exterior, na medida em que os italianos do Sul, em particular, passaram a participar mais intensamente desse processo na última década do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX<sup>8</sup>. Da mesma forma, entre as regiões da Itália também havia preferências claramente demarcadas por países americanos específicos, as quais também influenciaram o fluxo de migrantes.

(4) O debate começou com Robert Higgs, "Race, Skill and Savings: American Immigrants in 1909", *Journal of Economic History*, 31, 1971, pp. 420-428. A visão de Higgs foi apoiada por uma série de artigos publicados por *Explorations in Economic History* durante a década de 70, com a posição contrária sendo defendida por Paul L. MacGouldrick e Michael B. Tannen, "Did American Manufacturers Discriminate Against Immigrants Before 1914?", *Journal of Economic History*, 37, 1977, pp. 723-746, que afirmam que havia uma discriminação salarial de no mínimo 10% contra os "novos imigrantes", dentre os quais os italianos eram os mais importantes.

(5) Ver, por exemplo, Gordon W. Kirk e Carolyn T. Kirk, "The Immigrant, Economic Opportunity and Type of Settlement in Nineteenth Century America", *Journal of Economic History*, 38, 1978, pp. 226-234.

(6) Ver Michel J. Piore, *Birds of Passage: Migrant Labor in Industrial Society*, Cambridge, Mass., 1979.

(7) Para uma boa pesquisa desses programas de subsídios governamentais e dos seus efeitos sobre a imigração italiana, ver Thomas Holloway, *Immigrants on the Land: Coffee and Society in São Paulo, 1886-1934* (Chapel Hill, 1980); Angelo Trento, "Misera e Esperanza: L'Emigrazione Italiana in Brasile, 1887-1902", in José Luiz del Rio (org.), *Lavoratori in Brasile* (Milão, 1981) e Chiara Vangelista, "Immigrazione, Struttura Produttiva e Mercato del Lavoro in Argentina e in Brasile (1876-1914)", *Annali della Fondazione Luigi Einaudi*, 8, 1975, pp. 197-216. Os melhores estudos gerais da experiência italiana no Brasil são o trabalho recente de Zuleika M.F. Alvim, *Brava Gente! Os Italianos em São Paulo, 1870-1920* (São Paulo, 1986) e de Angelo Tremo, *De Outro La-*

Já desde os primeiros estágios do período de migração maciça, os italianos do Sul tiveram um grande interesse nos Estados Unidos e menor interesse na Argentina e no Brasil; da mesma forma, ainda que os migrantes italianos do Norte e do centro se dirigissem aos Estados Unidos, tinham um interesse mais intenso na Argentina e no Brasil como seu destino (ver Tabela 2). Mesmo por este padrão, o interesse dos vênets no Brasil (eles eram aproximadamente 30% do total de italianos que foram para o Brasil) era excepcional<sup>9</sup>. Contudo, à medida que o volume de migração proveniente do Sul prosseguia, aparentemente os italianos do Sul passaram a discriminar mais suas áreas de destino e assim a porcentagem dos que se dirigiam para a América do Sul aumentou consideravelmente, ao passo que a porção que ia para os Estados Unidos diminuiu. Isto ocorria enquanto a imigração meridional total aumentava continuamente (ver Tabela 3). Desta forma, anteriormente à Primeira Guerra Mundial, as grandes diferenças regionais estavam começando a desaparecer, na medida em que todas as regiões mandavam migrantes para todos os países americanos. Porém, este processo nunca atingiu a igualdade total e os Estados Unidos sem dúvida receberam mais italianos do Sul que a Argentina e o Brasil reunidos, ainda que estes três países americanos tenham tido fluxos imigratórios de todas as três regiões italianas<sup>10</sup>.

Dado que os italianos do Sul representaram 80% da imigração total de italianos para os Estados Unidos no período 1876-1930, 47% no caso da Argentina e apenas 43% no caso do Brasil, vale a pena examinar as variações regionais entre as duas principais regiões italianas do *nord* (províncias setentrionais e centrais) e o *mezzogiorno* (províncias meridionais) para determinar a natureza das diferenças existentes (se é que as havia) entre os migrantes destas duas regiões básicas da Itália. O que surge desta comparação é que a própria Itália era formada por tantas estruturas econômicas e sociais complexas, mesmo inter-regionais, que as estatísticas apresentam variação relativamente pequena entre as regiões, apesar do fato de que o *mezzogiorno* era claramente menos desenvolvido que o *nord*.

Assim, uma análise comparativa das variáveis demográficas revela uma diferença limitada entre o *nord* e o *mezzogiorno*. Em termos de estrutura etária e de estado civil, não há virtualmente nenhuma diferença entre as duas regiões. A idade ao casar, as taxas de natalidade e até mesmo o tamanho das famílias eram bastantes semelhantes nas diferentes regiões da Itália. É apenas em categorias como natimortos, mortalidade infantil, taxa bruta de mortalidade e altura média que podemos começar a enxergar uma distinção entre as duas regiões. Evidentemente, o *mezzogiorno* era mais pobre que o *nord*, como pode ser visto nos indicadores de saúde clássicos. As distribuições de renda em 1928 também apresentam diferenças significativas nos níveis de riqueza dessas duas regiões. Finalmente, havia grandes diferenças nas oportunidades educacionais, o que pode ser observado nos níveis bem diferenciados de alfabetização das suas populações residentes (ver Tabela 4).

Entretanto, apesar da distinção entre riqueza e pobreza, é surpreendente a variação relativamente reduzida na maioria das estatísticas demográficas e até mesmo nas econômicas. É especialmente espantosa a semelhança da distribuição da população economicamente ativa entre as mesmas grandes categorias ocupacionais. Isto significa que a distinção entre as duas regiões era bem menor do que a que se pode observar hoje em dia na maioria dos países do Terceiro Mundo entre as suas regiões avançadas e atrasadas.

Além disso, como vários comentadores ressaltaram, havia uma tendência à seletividade entre os grupos de imigrantes de todas as regiões. Não foram os gru-

do do Atlântico — *Um Século de Imigração no Brasil* (São Paulo, 1989), que é uma versão aumentada de seu estudo anterior *Li Dov'è la Raccolta del Caffè. L'Emigrazione Italiana in Brasile, 1875-1940* (Pádua, 1984). Uma análise interessante dos fatores macroeconômicos e da sua influência sobre a evolução do trabalho italiano rural no Brasil pode ser encontrada em Chiara Evangelista, *Le Braccia per la Fazenda. Immigrati e "caipiras" nella Formazione del Mercato del Lavoro Paulista (1850-1930)*, (Milão, 1982). Mais antigos mas ainda úteis são os levantamentos de Antonio Franceschini, *L'Emigrazione nell'America del Sud* (Roma, 1908), caps. 4-5; Foerster, *The Italian Emigration of Our Times*, caps. 7-8; e Franco Cenni, *Italianos no Brasil* (São Paulo, 1975).

(8) As divisões regionais vigentes antes da Primeira Guerra Mundial são utilizadas neste artigo quando se fazem referências à Itália. Assim, a Itália setentrional compreende Piemonte, Ligúria, Lombardia e Vêneto, a Itália central é formada por Emília, Toscana, Marche, Umbria e Lácio e a Itália meridional engloba as demais divisões peninsulares e as ilhas.

(9) Entre 1876 e 1920, 1,2 milhão de italianos chegaram ao Brasil, dos quais aproximadamente 365.000 vieram da região de Vêneto. Alvim, *Brava Gente!*, p. 62.

(10) Para bons estudos sobre as direções cambiantes da migração italiana nesse período e do seu contexto num século de intensa migração italiana, ver Luigi Favero e Graziano Tassello, "Cent'Anni di Emigrazione Italiana (1876-1976)", in Gianfausto Rosali (org.), *Un Secolo di Emigrazione Italiana* (Roma, 1978, pp. 9-63) e Ercole Sori, *L'Emigrazione Italiana dall'Unità alla Seconda Guerra Mondiale* (Bolonha, 1979, cap. 2).

pos mais pobres e menos qualificados que migraram do *nord*, nem do *mezzogiorno*. Da mesma forma, dadas as organizações sociais, agrárias e de trabalho extremamente complexas de cada região, não é de surpreender que os camponeses ou os moradores de cidades — do Norte, centro ou Sul — viessem de uma formação e experiências muito semelhantes. Todos os estudos recentes sobre a migração salientam que os grupos de imigrantes normalmente provinham dos elementos superiores mais bem situados e com maior mobilidade das classes trabalhadoras em todas as regiões, o que fazia sua formação tender à homogeneização, apesar das variações regionais gerais que de fato existiam<sup>11</sup>.

Permanece a questão, por conseguinte, acerca das diferenças efetivamente existentes no fluxo de imigrantes que chegavam aos principais países receptores das Américas. Neste sentido, os dados argentinos são melhores que os do Brasil e devem servir como uma aproximação para este último, que por sua vez apresentou algumas diferenças interessantes em relação ao padrão norte-americano. Assim, as pequenas variações entre migrantes do *nord* e do *mezzogiorno* observadas nas estatísticas italianas são mais exageradas nos dados americanos. A Argentina, por exemplo, parece ter recebido muito mais trabalhadores agrícolas e muito menos trabalhadores diaristas que os Estados Unidos. Enquanto agricultores e trabalhadores agrícolas constituíam apenas um terço dos italianos que chegavam aos EUA, correspondiam a mais de dois terços dos que se dirigiram à Argentina. Nesta característica, assim como em muitas outras, o fluxo de migrantes italianos que se dirigiram para o Brasil foi semelhante ao da Argentina. Ainda que não haja estatísticas nacionais para o Brasil, entre os italianos que chegaram a Santos entre 1908 e 1936 a metade foi registrada como "agricultores"<sup>12</sup>. Por outro lado, enquanto os trabalhadores diaristas eram o grupo ocupacional dominante entre os imigrantes que chegavam aos Estados Unidos, constituíam apenas 13% dos que chegaram à Argentina (*ver Tabela 5*) e no máximo um terço da amostra brasileira (*ver Tabela 9*). Esta diferença na classificação de trabalhadores não qualificados provavelmente é um reflexo dos diferentes cronogramas dos dois fluxos migratórios. Até a década de 1890, havia uma forte predominância de trabalhadores agrícolas listados entre os emigrantes italianos não qualificados, ao passo que após 1900 esta diferença tendeu a desaparecer, na medida em que ambos os grupos ocupacionais estavam mais equilibrados entre os migrantes homens que deixavam a Itália (*ver Tabela 6*).

A própria distinção entre trabalhadores não qualificados de outros setores que não a agricultura e trabalhadores agrícolas, todavia, pode ter sido, desde logo, artificial. Mesmo em 1911, 60% da força de trabalho masculina da Itália ainda estava ocupada na agricultura. Como um dos principais especialistas da época em imigração italiana observou então, a maioria dos trabalhadores não qualificados, independentemente da sua classificação ocupacional, provinha efetivamente da população rural e também deveria ser contada como trabalhadores agrícolas<sup>13</sup>. Portanto, pode-se supor que a maioria dos *giornalieri* (trabalhadores diaristas) que chegavam às Américas era de origem agrícola e poderia ter sido empregada em trabalhos agrícolas. Justifica-se, assim, reunir estes dois grupos ao tratar das ocupações qualificadas e não qualificadas dos imigrantes que chegavam aos países americanos. Quando se faz isto, o total conjunto de trabalhadores diaristas e agrícolas é bastante semelhante nos dois países de destino: 81% na Argentina e 76% nos Estados Unidos, observando-se a mesma proporção no Brasil. O que constitui a principal diferença entre os italianos que se dirigiram para um país ou para outro, conseqüentemente, não é tanto a importância relativa de trabalhadores não quali-

(11) Sori, *L'Emigrazione Italiana*, pp. 295-296 e J. S. MacDonald, "Some Socio-Economic Differentials" in *Rural Italy, 1902-1913*, *Economic Development & Cultural Change*, 7, 1958.

(12) São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, *Boletim da Directoria de Terras, Colonização e Imigração (D. T.C.I.)*, ano I, n.º 1, outubro, 1937, p. 74.

(13) Em 1912 Francesco Coletti declarou que ele e todos os outros analistas da sua época constataram que "trabalhadores, diaristas etc. provêm principalmente das classes rurais e por esta razão deviam ser adicionados à categoria de trabalhadores agrícola com o objetivo de estimar a totalidade do contingente rural no fluxo emigratório". Coletti, *Dell'Emigrazione Italiana*, Milão, 1912, p. 56.

ficados, qualificados e de nível superior, mas a diferença entre o número de trabalhadores não qualificados registrados como agrícolas ou diaristas.

O que esta diferença significa, contudo, dificilmente pode ser inteiramente compreendido. Como Roberto Cortes Condes mostrou recentemente para o caso da Argentina, a mobilidade dos trabalhadores entre as categorias de diaristas urbanos e trabalhadores da construção civil, de um lado, e a de trabalhadores agrícolas, de outro, era bem alta no final do século XIX. Aparentemente havia pouca dificuldade, pelo menos na Argentina, para os *jornaleros* passarem a trabalhar temporariamente como *peones* no setor rural durante os períodos de colheita, especialmente quando ocorria desemprego nos setores urbano e de construção<sup>14</sup>. Nos Estados Unidos aparentemente não havia esta possibilidade. Na Argentina — e em menor grau no Brasil — o alto custo de atrair trabalhadores argentinos natos da agricultura de subsistência para a comercial contrasta com a situação dos Estados Unidos, em que os norte-americanos estavam completamente integrados na agricultura comercial e a demanda crescente era atendida com força de trabalho nacional. Por conseguinte, a natureza indiferenciada dessas duas categorias ocupacionais, implícita nas experiências italiana, argentina e brasileira, não pôde ser testada nos Estados Unidos, por causa da concorrência dos norte-americanos natos no mercado agrícola<sup>15</sup>.

Quaisquer que tenham sido as diferenças reais entre essas duas definições ocupacionais, vale a pena observar que a situação dos italianos que se dirigiram à Argentina e ao Brasil reflete com grande fidelidade a de todos os imigrantes estrangeiros que foram para esses países, da mesma forma que a divisão ocupacional daqueles que se dirigiram aos EUA reflete a da totalidade da imigração estrangeira naquele período (ver Tabela 5).

Os migrantes que se dirigiam à Argentina e ao Brasil aparentemente eram mais alfabetizados do que os que foram para os Estados Unidos (ainda que os dados não sejam exatamente comparáveis), mas a maioria dos que migraram para esses três países americanos era alfabetizada, da mesma forma que a maior parte da população italiana, de acordo com o censo de 1901. Os imigrantes que foram para a América, contudo, eram ligeiramente mais alfabetizados enquanto grupo do que a totalidade da população italiana (ver Tabelas 4, 7 e 8). O mesmo é válido para a amostra de São Paulo, que apresentava apenas 32% de analfabetos entre os migrantes italianos de 7 anos de idade ou mais que chegaram ao porto de Santos entre 1908 e 1936 (ver Tabela 9). Esta constatação, juntamente com a porcentagem mais alta de trabalhadores qualificados observada até mesmo entre os imigrantes destinados aos Estados Unidos, parece confirmar a afirmação de estudos recentes de que foram as parcelas mais qualificadas e educadas das classes trabalhadoras das sociedades européias que migraram<sup>16</sup>.

Em termos de características demográficas, havia diferenças entre os italianos que migraram para os Estados Unidos e aqueles que foram para a Argentina e o Brasil. Apesar de os grupos de imigrantes serem dominados por trabalhadores de sexo masculino, esta característica era consideravelmente mais acentuada entre os imigrantes que se dirigiram aos Estados Unidos. Mas uma taxa de repatriação mais alta entre os homens italianos do que entre as mulheres levou a uma razão de sexos mais equilibrada em ambas as comunidades ítalo-americanas em 1914 e 1920, respectivamente (ver Tabelas 7 e 8)<sup>17</sup>. As estatísticas brasileiras tanto em termos de migrantes (ver Tabela 9) como de residentes italianos no censo de 1920 são continuamente mais equilibradas em termos de proporção de sexos, uma vez que o Brasil foi o único dos três países a influenciar sistematicamente a sua imigra-

(14) Roberto Cortes Condes, *El Progreso Argentino, 1880-1914*, Buenos Aires, 1979, pp. 197-204.

(15) Em 1910 os estados centrais — setentrionais e meridionais — em conjunto abrigavam 85% da população agrícola (assim como 80% da área cultivada e do valor total das fazendas), mas apenas 20% da população italiana. Além disso, como três quartos dos italianos viviam em áreas urbanas, provavelmente apenas 60.000 imigrantes italianos trabalhavam na principal região agrícola dos EUA. Contrastando com esta situação, 69% da população nascida no país vivia nessas duas regiões. U.S. Bureau of the Census, *Thirteenth Census of the United States... 1910* (Washington, D.C., 1913), I, p. 800; e *Historical Statistics of the United States, Colonial Times to 1970* (2.ed., Washington, D.C., 1976), I, pp. 90-92, 450).

(16) Para as experiências de determinados imigrantes italianos destinados aos EUA ocorridas na Itália, ver John W. Briggs, *An Italian Passage: Immigrants to Three American Cities* (New Haven, 1978), cap. 1; e Virginia Yans-McLaughlin, *Family and Community: Italian Immigrants in Buffalo, 1880-1930* (New Haven, 1978), cap. 1.

ção através da promoção da imigração subsidiada de famílias. Como se estimou que aproximadamente três quartos dos migrantes italianos que se dirigiram a São Paulo de 1888 a 1902 eram subsidiados, explica-se a razão de sexos mais equilibrada<sup>18</sup>. Contudo, mesmo assim havia um forte fluxo de homens adultos solteiros, tanto na migração subsidiada como na espontânea, de modo que o resultado final favorece os homens, ainda que em menor grau do que na Argentina e em proporção bem menor que na altamente desequilibrada imigração norte-americana. Além disso, mesmo em comparação com outros grupos subsidiados, os italianos que vieram para o Brasil só eram superados, entre os imigrantes que chegavam, pelos portugueses na sua preponderância masculina (ver Tabela 9). Porém, como no caso dos Estados Unidos, o retorno mais acentuado de homens solteiros à Europa implicou que a população de meio milhão de residentes nascidos na Itália tinha em 1920 a razão de sexos mais baixa dos principais grupos europeus, e que ela era consideravelmente mais baixa que a de todos os estrangeiros residentes no país<sup>19</sup>.

Ainda que tenham diferido entre si, nos três casos os imigrantes italianos tinham uma maior preponderância masculina que as populações nascidas nos países, nos quais a média de idade dos italianos nascidos na Itália era de 10 a 15 anos mais alta que a das populações nativas dos respectivos países<sup>20</sup>.

Como podem ser explicadas as diferenças entre as similaridades regionais na Itália e as fortes divergências entre os fluxos migratórios de italianos que chegaram à América? Argumentou-se que as diferenças culturais entre a América Latina e os Estados Unidos (protestante e de língua inglesa) atraíram diferentes tipos de imigrantes. Tais diferenças podem ter influenciado alguns dos profissionais liberais de elite entre os migrantes italianos — que não representavam mais de 1% a 2% em qualquer um dos fluxos de imigrantes —, mas não podem explicar a auto-seleção no interior da massa de imigrantes. É sabido que as formas de produção agrícola eram semelhantes nos pampas argentinos e nas planícies norte-americanas. A tecnologia de produção de trigo era idêntica e era facilmente assimilada pelos imigrantes. Na realidade, era preciso que os trabalhadores agrícolas italianos na América do Sul se adaptassem à plantação de café e à criação de gado, ambas novas tecnologias para eles. No contexto norte-americano, eles podiam facilmente desenvolver qualquer qualificação exigida para lidar com as técnicas então disponíveis de produção de cereais ou de outros produtos agrícolas. Mesmo nas ocupações industriais, o mundo das atividades industriais dos EUA não era muito diferente da experiência do Norte da Itália àquela época e tampouco ele exigia uma força de trabalho altamente treinada. Em síntese, não havia impedimentos culturais nem tecnológicos a qualquer tipo específico de imigração italiana e nem a experiência de trabalho no Sul ou no Norte da Itália era muito diferente do que poderia ser exigido em situações semelhantes nos Estados Unidos, no Brasil ou na Argentina.

Assim, aparentemente foram os mercados de trabalho essencialmente diversos dos Estados Unidos e da Argentina que exerceram atração sobre os diferentes tipos de imigrantes e com isso determinaram os fluxos de italianos para o Novo Mundo. Cada economia local apresentava incentivos diferentes e os italianos responderam a esses incentivos. Como as pessoas daquele período tinham consciência, a disponibilidade relativa de terras na Argentina, e em menor escala no Brasil, e a sua relativa escassez nos Estados Unidos foi um fator preponderante. O segundo fator foi a demanda relativa de uma planta industrial incipiente na Argentina e no Brasil e a nova expansão urbana concomitante, comparada a uma

(17) O único estudo detalhado dos imigrantes repatriados é a análise feita por Livi Bacci daqueles que retornaram dos EUA. Ele constatou que a razão de sexos era de 734 homens para 100 mulheres no caso dos italianos repatriados, contra uma razão de sexos de 234 para os imigrantes destinados ao exterior. Dentre os repatriados, havia uma maior probabilidade de serem jovens adultos solteiros e de pertencerem ao grupo de imigração mais recente. Enquanto 90% dos italianos repatriados tinham residido nos Estados Unidos menos de 10 anos, apenas 43% dos italianos nascidos no exterior em 1930 tinham residido nos EUA menos de 20 anos. Massimo Livi Bacci, *L'immigrazione e l'assimilazione degli Italiani negli Stati Uniti Secondo le Statistiche Demografiche Americane* (Milão, 1961), cap. 4.

(18) Os dados de subsídios publicados pelo estado de São Paulo não foram abertos por nacionalidade dos imigrantes, mas como os italianos dominaram a migração de 1887 a 1902, pode-se supor que a cifra de 73% para todos os imigrantes subsidiados nesse período era aproximadamente igual à sua própria divisão entre espontâneos e subsidiados. Ver São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Diretoria de Terras, Colonização e Imigração, *Boletim D.T.C.A.*, I, outubro, 1937, quadro "Imigrantes Subsidiados e Espontâneos — Entrada no Estado de São Paulo... 1887 a 1936". Cerca de 74% dos italianos chegaram nesse período, de forma que se pode supor que entre dois terços e três quartos de todos os italianos que vieram ao Brasil chegaram como imigrantes subsidiados. Para a porcentagem relativa dos italianos em todo o Brasil que chegaram nesta época, ver Conselho de Imigração e Colonização, *Revista de Imigração e Colonização*, ano I, n.º 4, outubro, 1940, quadro "Discriminação por Nacionalidades dos Imigrantes Entrados no Brasil nos últimos 55 anos".

planta industrial mais antiga e já estabelecida nos Estados Unidos, com o seu complexo urbano totalmente elaborado. Finalmente, a história das imigrações anteriores significava que a importância relativa dos imigrantes italianos diferia em pontos importantes entre os dois países.

Na Argentina os italianos foram o primeiro grande grupo de imigrantes a chegar e puderam estabelecer normas de integração dos imigrantes. Eles tanto predominavam no grupo de pessoas nascidas no exterior, como constituíam uma minoria substancial da população total (representavam 39% dos nascidos no exterior e 12% da população total em 1914). Finalmente, eles estavam concentrados na região costeira, que era o centro tanto da agricultura comercial, como de toda a atividade industrial<sup>21</sup>.

Contrastando com esta situação, os italianos nos Estados Unidos chegaram tardiamente, e em 1910 eram um quarto dos nascidos no exterior e constituíam apenas 1,5% da população nacional. Apesar de terem aumentado sua importância, chegando em 1920 ao segundo lugar entre os nascidos no exterior, o crescimento concomitante da população nascida nos EUA implicou que os italianos ainda representassem apenas 1,5% da população total do país. Ademais, dentre os principais grupos de imigrantes (aqueles formados por mais de 1 milhão de imigrantes), apenas os poloneses e os russos eram, como os italianos, "novos imigrantes" do período pós-1880. A concentração igualmente importante de imigrantes alemães e irlandeses já estava bem estabelecida antes de 1880<sup>22</sup>. Tanto os migrantes poloneses como os russos traziam as mesmas qualificações que os italianos, e os alemães e irlandeses de primeira e de segunda gerações já estavam bem estabelecidos antes da chegada dos italianos. De fato, os italianos recém-chegados frequentemente só conseguiam obter os empregos desdenhados pelas pessoas nascidas no país e pelos filhos de segunda geração dos imigrantes. Também não havia qualquer oportunidade significativa na região Leste dos Estados Unidos — então o setor industrial mais antigo do país — para desenvolvimento industrial inovativo. Em 1910, apenas 11% dos italianos viviam nos estados industriais do Meio-Oeste (região Leste-Norte central), ao passo que 72% estavam restritos ao Nordeste. O estado de Nova York sozinho abrigava mais de um terço dos imigrantes nascidos na Itália<sup>23</sup>.

No caso do Brasil, os imigrantes italianos anteriormente a 1920 tiveram o mesmo papel predominante que na Argentina, figurando entre os grupos de imigração que chegaram mais cedo e sendo certamente o maior deles, respondendo em 1920 por 36% da totalidade de nascidos no exterior. Porém, dado o tamanho da população nascida no país, seu peso na população nacional total era próximo ao da experiência norte-americana, constituindo apenas 1,8% da população nacional total. Contudo, este dado geral é enganador, porque, assim como os imigrantes destinados à Argentina, aqueles que foram para o Brasil concentraram-se nas regiões mais avançadas e dinâmicas do país. No Brasil eles se estabeleceram principalmente nos estados centrais e meridionais de crescimento mais acelerado, mas antes de tudo em São Paulo. Em 1920 aproximadamente 70% dos italianos residiam neste estado e representavam 9% da sua população total<sup>24</sup>.

Tudo isso era perfeitamente evidente para os italianos que migraram, tanto os do Norte como os do Sul. Conseqüentemente, a percepção que eles tinham dos mercados de trabalho americanos determinou sua decisão de migrar, sua disposição de permanecer no país e suas idéias sobre o desenvolvimento de uma comunidade local. Até mesmo os padrões de poupança e investimento fo-

(19) Enquanto os residentes estrangeiros como um todo tinham uma razão de sexos de 1,43 homem por 100 mulheres no censo de 1920, os italianos constituíam o mais equilibrado dos principais grupos estrangeiros, com uma razão de sexos de 1,20 homem por 100 mulheres, comparada com 1,26 para os espanhóis residentes, 1,54 para os portugueses e 2,15 no caso dos japoneses. Diretoria Geral de Estatística, *Recenseamento Realizado em 1 de Setembro de 1920*, vol. IV, n. 1, pp. 316-317.

(20) República Argentina, *Tercer Censo Nacional de... 1914 (10 vols., Buenos Aires, 1916)*, vol. I, p. 143; U.S. Bureau of the Census, *Historical Statistics of the United States*, p. 19; Diretoria Geral de Estatística, *Recenseamento do Brasil Realizado em 1 de Setembro de 1920*, IV, 2, tomo I, p. vi. Infelizmente, o censo brasileiro não abre as idades dos residentes estrangeiros por nacionalidade. Entretanto, dado que os italianos eram individualmente o maior grupo entre os nascidos no exterior e que a estrutura etária dos estrangeiros era idêntica à dos Estados Unidos e à da Argentina, pode-se supor que a mesma estrutura prevalecia entre os italianos residentes no Brasil.

(21) Cortes Conde, *El Progreso Argentino*, p. 70.

(22) *Historical Statistics of the United States*, pp. 105-109; Diretoria Geral de Estatística, *Recenseamento do Brasil Realizado em 1 de Setembro de 1920*, IV, 5, tomo I, p. vi.

(23) U.S. Bureau of the Census, *Thirteenth Census of the United States... 1910*, pp. 800, 804.

(24) Ver Bruno Zuclin, "Quanti Sono gli Italiani al Brasile?", in *Vie d'Italia e dell'America Latina*, Milão, XXXI, nº 1, jan., 1925, p. 12.

ram determinados principalmente pela sua percepção das possibilidades oferecidas pelos mercados de trabalho americanos.

Nos Estados Unidos isso significou que os imigrantes eram na sua maioria homens solteiros que ingressavam em ocupações de trabalho diarista em centros urbanos. Os italianos chegaram justamente quando as cidades norte-americanas estavam se modernizando (com iluminação elétrica, transporte ferroviário urbano, instalações sanitárias e outros grandes projetos de obras públicas). Estas oportunidades, juntamente com as atividades mais tradicionais da mineração, construção de ferrovias e estradas e construção habitacional, propiciaram excelentes mercados de trabalho para os italianos. Dados os altos salários, especialmente em comparação com os da Itália, a maioria dos italianos pôde voltar ao seu país de origem conforme tinha planejado e com isto o desenvolvimento de uma comunidade local foi consideravelmente retardado. Como os salários pagos pelo trabalho manual nos EUA eram relativamente mais altos, os italianos, ao contrário dos norte-americanos natos, estavam propensos a privilegiar a renda imediata e a não dar importância tanto aos investimentos de longo prazo em capital humano para si próprios ou para suas famílias na América, como ao baixo *status* desses empregos. Esta decisão básica, mesmo para aqueles que permaneceram, significou que a poupança, se não era repatriada, era alocada em fatores não diretamente relacionados com a mobilidade ocupacional de longo prazo — mais investimento em habitação que em educação, por exemplo. Para a primeira geração esta era uma alternativa claramente premeditada, na medida em que a poupança repatriada se tornava a base para a mobilidade ocupacional no país-natal.

Uma tal estratégia, baseada em expedientes de curto prazo, também era aparente no caso de muitos migrantes da Argentina, como sugerem os dados de repatriação. Assim, entre 1880 e 1920 parcelas aproximadamente iguais de italianos voltaram da Argentina e dos Estados Unidos (cerca de 51% para a Argentina e em torno de 54% para os Estados Unidos)<sup>25</sup>. Os imigrantes italianos destinados ao Brasil, dada a sua estruturação mais orientada para a constituição de famílias, aparentemente se repatriaram em taxas mais baixas durante o período 1901-1920<sup>26</sup>. Mas, dadas as diferentes oportunidades em terras, comércio e indústria, as possibilidades para aqueles que permaneceram na América eram maiores na Argentina e no Brasil do que nos Estados Unidos. Por isso, os investimentos em terras, lojas, fábricas e educação dos filhos eram vistos como tendo um alto retorno a longo prazo, e como justificando a renúncia ao consumo imediato e à segurança que poderia ser conseguida. Dada a natureza mais fechada do mercado norte-americano, tais sacrifícios não eram tão prontamente justificáveis. Assim, da mesma forma que as diferenças entre os mercados de trabalho ajudam a explicar as diferentes características dos migrantes que chegavam, estas mesmas variáveis são fundamentais na explicação das estratégias de poupança e investimentos daqueles que não se repatriaram, nem à sua poupança. Isto, por sua vez, ajuda em grande medida a explicar as taxas relativas de mobilidade e de integração no interior das duas sociedades.

Deve-se ressaltar, contudo, que os padrões de integração política e cultural não foram tão claramente marcados pelas condições de mercado quanto a mobilidade ocupacional e econômica. Aparentemente, os italianos tanto nos Estados Unidos como no Brasil eram bem menos ativos politicamente que seus compatriotas na Argentina. Apesar de terem participado de movimentos políticos e trabalhistas anarco-sindicalistas, socialistas e comunistas em cada um dos três países, o papel político dos italianos foi bem mais importante na Argentina do que nos EUA ou

(25) Calculei a taxa de retorno dos Estados Unidos utilizando as diversas estimativas decenais de Livi Bacci para o período 1880-1920 para obter a taxa geral; *L'Immigrazione e l'Assimilazione*, p. 35. Calculei a estimativa geral de retorno da Argentina a partir dos dados da Dirección General de Inmigración, *Resumen Estadístico del Movimiento Migratorio en la República Argentina, años 1857-1924* (Buenos Aires, 1925), p. 8. Estatísticas recentes do governo italiano, que começaram a ser compiladas apenas em 1905, apresentam movimentos ainda mais intensos de repatriação para o período 1905-20 que as estimativas de Livi Bacci para os Estados Unidos, mas elas são mais próximas das estatísticas argentinas. Ver Istituto Centrale di Statistica, *Bollettino Mensile di Statistica*, Janeiro, 1975, ano 5, apêndice 2: "Espatriati e Rimpatriati, anno 1876-1973", pp. 255, 263. Devido a seus cálculos detalhados de taxas de natalidade e mortalidade e à sua utilização de populações locais recenseadas, prefiro os dados de Livi Bacci. Sobre as dificuldades implicadas na estimativa dessas taxas, ver J.D. Gould, "European Intercontinental Emigration — The Road Home: Return Migration from the U.S.A.," *Journal of European Economic History*, 9, 1980, pp. 79-87.

(26) Ver G. Mortara, "A Imigração Italiana no Brasil e Algumas Características do Grupo Italiano de São Paulo", *Revista Brasileira de Estatística*, vol. 11, 1950, p. 325. Recentemente os dados de Mortara foram questionados e os números atuais apontam para uma maior migração de volta dos italianos no Brasil; ver Maria Stella Ferreira Levy, "O Papel da Migração Internacional na Evolução da População Brasileira (1876 a 1972)", *Revista de Saúde Pública*, 8 (supl.), São Paulo, 1974, pp. 62-67, que sugere uma taxa de retenção dos italianos de 64%, contra os 70% de Mortara. Além disso, em termos de Brasil, assim como para os outros países, os dados italianos oficiais dão um quadro diferente, com es-

no Brasil<sup>27</sup>. Da mesma forma, apesar de os italianos destinados ao Brasil ingressarem em um número bem menor de sociedades de ajuda mútua que seus compatriotas que foram para os outros dois países (aproximadamente 16.000 em 1908, comparados a 43.000 nos EUA e 126.000 na Argentina), a imprensa italiana local era maior que a da Argentina (com 43 jornais em italiano em 1909, comparados com 28 no caso da Argentina) e apenas ligeiramente menor que a dos Estados Unidos. Finalmente, o Brasil tinha mais crianças em escolas primárias de língua italiana em 1913 que os outros dois países (cerca de 23.000 delas freqüentavam estas escolas no Brasil, comparadas com 20.000 nos Estados Unidos e apenas 9.000 na Argentina)<sup>28</sup>.

Nos três países, contudo, os italianos pareciam reagir à integração social de forma semelhante. Nos três casos eles estavam entre os residentes nascidos no exterior com a maior probabilidade de casar com pessoas nascidas no país ou de outros grupos estrangeiros (ver Tabela 10)<sup>29</sup>. Igualmente, ainda que não haja esta informação para o Brasil e a Argentina, pode-se supor que estas atitudes em relação ao casamento levaram a adaptações semelhantes dos padrões de natalidade entre as mulheres italianas. Nos Estados Unidos, Livi Bacci mostrou que as mulheres italianas rapidamente abandonavam as altas taxas de natalidade que traziam consigo da Europa, passando a intervalos maiores entre as gestações, e, conseqüentemente, tinham menos filhos, aproximando-se rapidamente das taxas de natalidade mais baixas da população nascida no país<sup>30</sup>.

Os melhores dados disponíveis de casamentos com pessoas de outras nacionalidades sugerem, na verdade, que os italianos residentes no Brasil tinham uma maior probabilidade de se casar com pessoas de outros grupos que seus compatriotas nos Estados Unidos e na Argentina. Assim, dentre todos os casamentos realizados em São Paulo em 1916 e 1917, apenas 33% dos homens e uma taxa muito baixa de 57% das mulheres — normalmente mais conservadoras — casavam-se com italianos (ver Tabela 10). Por outro lado, as taxas eram de 49% e 75%, respectivamente, para a Argentina no mesmo período<sup>31</sup>. Na década de 20 a tendência era ainda mais forte e uma pesquisa dos casamentos realizados no estado de São Paulo em 1926, por exemplo, constatou que a taxa de endogamia entre os 2.749 italianos natos (homens e mulheres) que se casavam tinha caído para 16%, e não só a taxa de casamentos endógamos dos homens caiu para 26%, como também as mulheres estavam então se casando com homens italianos em apenas 45% dos casos. Nessa ocasião, em ambos os sexos a maioria dos italianos estava se casando com brasileiros<sup>32</sup>. Esta tendência no sentido da integração com a cultura brasileira era ainda mais evidente na relação de todos os casamentos realizados na cidade de São Paulo no período de 1934-1946. Neste caso, num período de influxo migratório muito baixo, os 6.567 italianos que se casaram tiveram uma taxa de endogamia de apenas 11%, com somente 18% dos homens se casando com mulheres italianas e apenas 33% das mulheres italianas se casando com homens italianos. Essas estatísticas mostram que os imigrantes espanhóis estavam finalmente se aproximando do nível de integração dos italianos, que tinham dado o exemplo para os demais imigrantes. Mas é interessante observar que, nessas estatísticas e em outras subseqüentes, eram os portugueses, renovados com um grande número de novos imigrantes nas décadas de 30 e 40, que então representavam o grupo com as maiores taxas de casamento endógamo entre os europeus<sup>33</sup>. O que essas tendências evidenciam é que os italianos estavam rapidamente se integrando à população nativa de São Paulo a taxas que estavam bem à frente dos seus contemporâneos em outras regiões da América.

timativas para 1905-1920 de uma taxa de repatriação de 63% para o Brasil, 61% para a Argentina e apenas 46% no caso dos Estados Unidos. Trento, *Do Outro Lado*, p. 66. Porém, como as estimativas de Livi Bacci, Mortara e Ferreira Levy se baseiam nas idades das populações americanas residentes e nos dados de chegada americanos, estas devem ser preferidas às estatísticas italianas.

(27) Apesar de os italianos terem sido importantes nesses primeiros movimentos, os imigrantes espanhóis o foram num grau ainda maior e o resultado no Brasil foi que eles não foram capazes de recrutar muitos elementos da força de trabalho nacional, levando assim a um fracasso geral de organização. Ver Sheldon Leslie Maram, *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro, 1890-1920*, Rio de Janeiro, 1979. Os italianos na Argentina, ao contrário, criaram movimentos mais fortes que tinham mais apelo de massa, em contraste com a situação norte-americana, que apresentava muitos aspectos em comum com a experiência brasileira. Ver Samuel L. Baily, "The Italians and Organized Labor in the United States and Argentina, 1880-1910", *International Migration Review*, 1, 1967, pp. 55-66.

(28) Trento, *Do Outro Lado*, cap. 4.

(29) Ver Livi Bacci, *L'Immigrazione e l'Assimilazione*, cap. 6, e Samuel L. Baily, "Marriage Patterns and Immigrant Assimilation in Buenos Aires, 1882-1923", *Hispanic American Historical Review*, 60, 1980, pp. 32-48.

O impacto do mercado, porém, fica bem evidente nas taxas comparativas de mobilidade econômica e ocupacional. Para avaliar melhor estas taxas nesses três países, o ideal seria comparar as diferenças na estrutura ocupacional e na propriedade dos meios de produção (terras, ferramentas e fábricas). Infelizmente ainda não se dispõe de tais conjuntos de dados comparáveis para essas três sociedades. Além disso, em cada país há diversos conjuntos de informações que não são exatamente comparáveis. Na Argentina e no Brasil, por exemplo, há dados excelentes de propriedade para a primeira metade do século XX, mas estatísticas comparativamente pobres de ocupação. No caso dos Estados Unidos há dados excelentes de ocupação e renda, mas os de propriedade são insuficientes. Igualmente, apesar de uma boa parte das informações da Argentina e do Brasil ser de âmbito nacional, a maioria dos dados dos EUA refere-se apenas a pesquisas por amostragem em regiões selecionadas. Contudo, argumentar-se-á, à medida que esta análise prossiga, que existe material suficiente para fazer uma aproximação grosseira da mobilidade nas duas sociedades.

A principal atração para muitos imigrantes italianos que foram para a Argentina foi a relativa disponibilidade de terra e a possibilidade de se tornar um agricultor independente. Tradicionalmente supôs-se que poucos argentinos monopolizavam o mercado de terras, porém recentemente mostrou-se que existia um mercado aberto de terras na Argentina pelo menos a partir de 1880. Ao mesmo tempo, a área total de terra cultivada estava crescendo à taxa extraordinária de 10% ao ano após 1880<sup>34</sup>. Ainda que os rendimentos relativos do arrendamento e da propriedade possam ter favorecido o primeiro em detrimento desta última, não há dúvidas de que os italianos se tornaram proprietários de fazendas numa dimensão excepcionalmente alta para um grupo de imigrantes chegado há tão pouco tempo.

Os argentinos natos continuaram naturalmente a monopolizar o mercado de terras, mas, como indicam os dados do censo de 1914, um número surpreendentemente alto de italianos conseguiu se tornar proprietário de terras<sup>35</sup>. Os italianos foram continuamente o segundo grupo mais importante de proprietários de terras na produção de cereais e na criação de gado e tiveram êxito especialmente no cultivo de grãos. De fato, os imigrantes nascidos na Itália residentes na Argentina tiveram um grande sucesso em termos de propriedade de terras em geral durante o período republicano. De acordo com o censo de 1914, 25% dos italianos de 20 anos de idade ou mais tinham algum tipo de propriedade, uma taxa próxima à média nacional e apenas um pouco abaixo da dos argentinos natos (33% dos homens adultos). Os italianos tiveram um desempenho bem melhor que os espanhóis (entre os quais apenas 16% dos homens adultos eram proprietários), que eram quase tão numerosos quanto eles e que constituíam o segundo grupo mais importante de imigrantes do país<sup>36</sup>.

Essa alta taxa geral de propriedade entre os italianos é parcialmente explicada pela sua taxa extremamente elevada de propriedades comerciais e industriais urbanas. Um censo especial de Buenos Aires realizado em 1909 mostra que os italianos possuíam 38% dos 28.632 estabelecimentos comerciais da cidade. Eles eram individualmente o maior grupo de proprietários dessas firmas e as possuíam num número igual ao dobro das possuídas por argentinos natos. Tudo isto ocorreu quando eles representavam 22% da população da cidade<sup>37</sup>. Ademais, muitos comentaristas ressaltaram que os imigrantes italianos participavam das atividades industriais não só como trabalhadores qualificados, mas principalmente como

(30) A população de italianos nos Estados Unidos pode ter caminhado mais rapidamente para taxas de natalidade mais baixas do que a média dos seus compatriotas nas outras repúblicas americanas por causa do seu padrão originalmente mais urbano de estabelecimento na América. Alguns supõem que o mesmo teria sido o caso para os residentes em Buenos Aires e na cidade de São Paulo, porém um estudo de uma paróquia rural no Paraná sugere que os italianos residentes tinham taxas de fertilidade extraordinariamente altas no período 1880-1909 — na realidade mais altas que as da própria Itália — e que após esse período elas só caíram lentamente. Altiva Pilatti Balhana, *Santa Felicidade, uma Paróquia Vêneta no Brasil*, Curitiba, 1978, pp. 70-78.

(31) Baily, "Marriage Patterns", p. 40, tabela IV.

(32) São Paulo, Serviço Sanitário do Estado, *Anuario Demographico*, 1926, ano XXXII, I, p. 33; II, p. 917.

(33) Os 14.008 portugueses que se casaram na cidade nesse período tiveram uma taxa de endogamia de 20%, com 57% das mulheres se casando com seus compatriotas imigrantes. As estatísticas de casamentos encontram-se nas seguintes fontes: para 1934-38, São Paulo, Departamento Estadual de Estatística, *Boletim, Ano de 1934*, nº 9 (Anexo), p. 25 e idem, nº 9 (Anexo) para cada um dos seguintes anos: 1935, p. 26, 1936, p. 27, 1937, p. 28, 1938, p. 29. Para 1940-1946, Caio de Freitas Guimarães, "A Assimilação dos Principais Grupos Estrangeiros Através das Estatísticas dos Casamentos e Nascimento, na População do Município de São Paulo, 1940/46", *ibid*, "Boletim Especial", ano XIV, segunda fase, nº 1, 1952, p. 90.

empreendedores<sup>38</sup>. Infelizmente para nossos propósitos, o censo de 1914 não traz a abertura da propriedade de empresas por nacionalidade; ele apenas apresenta dados para todos os estrangeiros agrupados, assim como para os argentinos natos. Dada a taxa de propriedade dos italianos maior do que sua porcentagem na população total, pode-se supor que eles eram proprietários de no mínimo 40% das empresas estrangeiras — sua participação na população urbana nascida no exterior — e portanto possuíam no mínimo 26% das 48.779 firmas individuais registradas no censo de 1914<sup>39</sup>. Efetivamente, é bem provável que eles tivessem um desempenho ainda melhor, uma vez que todos os comentaristas contemporâneos e posteriores admitem que os italianos dominavam o setor manufatureiro.

A análise da propriedade imobiliária rural e da atividade empresarial sem dúvida fornece os melhores índices de acumulação de capital e, em última análise, de mobilidade social. Informações adicionais sobre a mobilidade social dos imigrantes italianos na Argentina poderiam ser obtidas a partir dos dados de distribuição ocupacional da população; porém, infelizmente as estatísticas argentinas para este período apresentam abertura da estrutura ocupacional da força de trabalho qualificada apenas pela simples divisão de trabalhadores "estrangeiros" e nacionais para cada categoria. Os estrangeiros na Argentina, que representavam apenas 30% da população total em 1914, dominavam quase todas as categorias de ocupações qualificadas. Entre as profissões liberais eles não estavam tão bem representados, mas geralmente conseguiam ter uma representação próxima desses 30% na maioria dos campos. Eles constituíam até mesmo 35% dos capitalistas (*rentistas*) do país<sup>40</sup>.

Esses índices gerais de propriedade e de distribuição ocupacional atestam por quaisquer parâmetros a integração extremamente rápida da população italiana residente na economia nacional. Apesar de metade dos imigrantes ter retornado para a Itália, aqueles que decidiram permanecer na Argentina encontraram investimentos adequados para a sua poupança e tiveram poucas dificuldades em conseguir uma rápida mobilidade econômica e social. Os italianos natos residentes na Argentina estavam bem representados em todas as profissões do país e geralmente tinham, no que diz respeito à propriedade de terras, uma representação maior que a sua participação na população. Até mesmo na mais argentina de todas as ocupações, a de *estanciero*, podiam-se encontrar italianos. Ainda que os dados disponíveis obviamente não sejam tão completos ou comparáveis como se gostaria, todos apontam na mesma direção de um sucesso extraordinária para pessoas que tinham acabado de ingressar na economia nacional e ainda eram predominantemente de primeira geração.

O mesmo padrão de ingresso rápido na classe de proprietários de terras se deu com os imigrantes italianos que chegaram ao Brasil. Apesar de não haver dúvidas de que os fazendeiros de café exploravam os trabalhadores subsidiados e que muitas famílias tiveram experiências negativas durante os seus anos de trabalho como colonos nas fazendas de café, também não há dúvidas de que um número significativo de colonos conseguiu poupar dinheiro e deixar a condição de não-proprietários de terras. Todas as estimativas contemporâneas de poupança média feitas por observadores italianos, assim como por historiadores posteriores, indicam que um contrato de uma família por cinco anos podia facilmente render dinheiro suficiente para comprar terras no país<sup>41</sup>. Também é óbvio, como mostram os estudos detalhados de Holloway sobre a propriedade de terras em São Paulo em 1905, que os italianos tinham maior probabilidade de serem pequenos proprietários no início e se concentrarem em terras marginais, regiões mais antigas

(34) Cortes Conde, *El Progreso Argentino*, p. 239. Nos Estados Unidos, ao contrário, a área cultivada cresceu apenas 4,6% em toda a década de 1900. U.S. Bureau of the Census, *Historical Statistics of the United States*, p. 457.

(35) A natureza da propriedade de terras por parte dos imigrantes é uma questão muito debatida na historiografia argentina. Defendendo a postura tradicional, James Scobie ressaltou a inabilidade dos imigrantes, especialmente dos italianos, em adquirir o controle das terras que eles cultivavam. Scobie, *Revolution in the Pampas: A Social History of Argentine Wheat, 1860-1910*, Austin, 1964, p. 31. Roberto Cortes Conde conseguiu contestar esta visão na primeira análise sistemática feita do mercado de terras nesse período. Ele mostrou a existência de um mercado de terras florescente nos pampas durante o período de imigração mais intensa. Cortes Conde, *El Progreso Argentino*, cap. 3. Todas as estatísticas nacionais, além disso, sustentam a afirmação de que os italianos conseguiram se tornar proprietários de terras, ingressando até mesmo no grupo supostamente fechado dos criadores de gado (*estancieros*). Apesar de a propriedade de terra obviamente não se dividir democraticamente entre todos os grupos, os italianos tiveram uma atuação extremamente boa, considerando a sua chegada recente e a sua falta inicial de capital.

(36) República Argentina, *Tercer Censo Nacional de... 1914*, II, pp. 395-396; III, pp. 295-309; IV, p. 68; V, p. 837; e VI, p. 679.

(37) Alberto B. Martinez (org), *General Census of the City of Buenos Aires of 1909, I*, Buenos Aires, 1910, pp. 130-134; e James R. Scobie, *Buenos Aires: Plaza to Suburb, 1870-1910*, Nova York, 1970, p. 260.

ou fronteiras abertas<sup>42</sup>. Mas independentemente do nível baixo em que as entradas tenham ocorrido, é óbvio que os italianos se tornaram proprietários de terras significativos desde o início. De acordo com o censo de 1920, eles possuíam 5,5% das fazendas do país (ver Tabela 11), ainda que representassem apenas 1,8% da população total. Também constituíam sem dúvida a maioria dos proprietários estrangeiros (quase a metade do total, ainda que representassem apenas 36% de todos os residentes nascidos no exterior).

Eles estavam claramente concentrados nas pequenas fazendas, uma vez que o tamanho médio das suas propriedades era 76 hectares. Mas estas unidades obviamente eram cultivadas de forma intensiva, como se vê pelo seu alto valor por hectare. Os portugueses e espanhóis tiveram um desempenho tão bom ou melhor que o dos italianos, mas é também evidente que, de acordo com qualquer critério, os italianos tinham se tornado um dos principais grupos de proprietários de terras do Brasil durante a vida da primeira geração de imigrantes<sup>43</sup>.

Tão importante quanto isso é o fato de que eles se concentravam nos estados agrícolas mais ricos da República: São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul<sup>44</sup>. Um terço dos proprietários de terras italianos viviam em São Paulo e apesar de constituírem 9% da população total do estado, representavam 15% dos proprietários de terras e detinham 9% do valor total das propriedades rurais. No Rio Grande do Sul, zona das colônias agrícolas especiais, eles respondiam por 5% do valor total das propriedades rurais e constituíam 11% dos proprietários de terras, apesar de serem apenas 2% da população do estado. Até mesmo em Minas Gerais, o segundo estado mais rico em termos de valor da propriedade rural e um dos estados menos influenciados pela imigração estrangeira, os italianos tiveram uma presença significativa. Representavam mais da metade de todos os proprietários de fazendas nascidos no exterior e, apesar de constituírem menos de 1% da população total, respondiam por 1,8% do valor dos imóveis rurais<sup>45</sup>.

Apesar da rápida expansão da indústria cafeeira no início da década de 20, os italianos e outros imigrantes estrangeiros continuaram a ter um bom desempenho não só em termos de propriedade de terras, mas afinal também se tornaram eles próprios produtores de café de porte significativo. Em 1923, 18,3% dos pés de café em estágio de produção da zona cafeeira mais rica do Brasil, as férteis planícies do Oeste paulista, eram possuídos por italianos (e 31,5%, pelo total dos estrangeiros). Nem mesmo o impacto da Grande Depressão deteve esta expansão, pois em 1932 os italianos tinham elevado sua taxa de propriedade para 22% do total de pés de café naquela zona (com os estrangeiros então representando 39,1% dos proprietários — sendo os espanhóis o segundo maior grupo de proprietários estrangeiros, com 6,1% do total de pés)<sup>46</sup>. À época do censo agrícola especial de São Paulo de 1934 os italianos possuíam 24% das fazendas e produziam 21% do café do estado — isto num período em que sua participação na população total do estado era de menos de 5% (ver Tabela 12). Igualmente importante é o fato de que os italianos também eram produtores importantes de várias outras culturas, respondendo por 24% dos limões produzidos no estado, 30% dos figos e mamonas, 39% dos abacaxis, 48% das uvas e 68% dos mamões. Eles, de fato, controlavam uma parcela da produção agrícola — de todas as principais culturas produzidas em 1934, com exceção de chá e fibras — maior do que sua participação na população. Conseqüentemente eles não eram apenas os principais proprietários de terras e produtores nas colheitas européias tradicionais, mas também em quase todos os novos produtos americanos<sup>47</sup>.

Os italianos e os estrangeiros em geral também tiveram um bom desempe-

(38) No censo de 1914, os trabalhadores estrangeiros constituíam 53% da força de trabalho dos estabelecimentos comerciais e 50% dos trabalhadores em plantas industriais; eles eram 66% dos proprietários de estabelecimentos comerciais e 74% dos proprietários de estabelecimentos industriais. Ver Gino Germani, *Política y Sociedad en un Época de Transición*, Buenos Aires, 1962, p. 195. Para uma análise do papel predominante dos residentes estrangeiros nos setores industriais avançados do país em 1914, ver Gustavo Beyhaut et al., "Los Inmigrantes en el Sistema Ocupacional de Argentina" in Torcuato Di Tella (ed.), *Argentina, Sociedad de Masas*, Buenos Aires, 1965, pp. 85-124.

(39) República de Argentina, *Tercer Censo Nacional de... 1914*, VIII, p. 246. No censo industrial de 1935, os estrangeiros ainda possuíam 54% das aproximadamente 51.000 firmas cuja nacionalidade dos proprietários foi registrada. Deste total, os italianos controlavam 41% de todas as firmas de propriedade de estrangeiros e 22% do total de firmas industriais, tanto as de propriedade de nacionais como de estrangeiros. Ver Oscar Comblid, "Inmigrantes y Empresarios en la Política Argentina", Instituto Torcuato Di Tella, *Documento de Trabajo*, n° 20, Buenos Aires, 1966, p. 27.

(40) República de Argentina, *Tercer Censo Nacional de... 1914*, IV, pp. 382-397.

(41) Alvim, *Brava Gente!*, pp. 93 e segs.; Holloway, *Immigrants*, cap. 4.

(42) Holloway, *Immigrants on the Land*, cap. 6; e Thomas W. Merrick e Douglas H. Granam, *Population and Economic Development in Brazil, 1800 to the Present*, Baltimore, 1979, pp. 111-2; e Alvim, *Emigração...* (ver nota 50), pp. 262 e segs., para sua própria análise detalhada das pesquisas de terras de 1906 e 1920 em São Paulo.

nho nas novas plantas industriais que estavam se estabelecendo no Brasil central e meridional na época do auge do movimento maciço de imigração. Uma das primeiras pesquisas industriais feita em São Paulo, em 1901, concluiu que havia mais de 50.000 trabalhadores industriais no estado, "quase todos italianos"<sup>48</sup>. Em 1911, 59% dos 10.204 trabalhadores têxteis de São Paulo eram italianos natos<sup>49</sup>. Representando 50% estimados da população da cidade de São Paulo no início da década de 1910<sup>50</sup>, fica evidente que os italianos tiveram um papel predominante na nova e poderosa estrutura industrial e comercial que estava se estabelecendo nessa região crucial. Em 1919 o estado de São Paulo abrigava 32% das indústrias brasileiras, taxa esta que aumentou de 15% em 1909, e esta concentração só aumentaria nos anos seguintes<sup>51</sup>. Os proprietários de fábricas italianos foram um elemento importante neste crescimento. Em 1920 os italianos possuíam 1.500 pequenas empresas industriais (aquelas com apenas um proprietário), ou 49% do total do estado de São Paulo. Obviamente, eles não tiveram neste estágio inicial um desempenho tão bom na grande indústria. Uma pesquisa de grandes empresas em 1914, no Rio de Janeiro e em São Paulo, mostrou que os italianos detinham apenas 16% do total. Algumas dessas empresas, como a Matarazzo, em que trabalhavam 10.000 trabalhadores em 1922, estavam entre os principais agentes do setor industrial brasileiro. Mas essas empresas maiores geralmente cresciam a partir de migração voluntária em pequena escala de pessoas não pertencentes à classe trabalhadora e/ou de imigrantes italianos bem preparados — não daqueles que originalmente chegaram para trabalhar nos campos de café. Mas foram estes últimos que já na primeira geração forneceram o grosso da força de trabalho industrial, assim como dos dirigentes da indústria leve paulista<sup>52</sup>. Além disso, na segunda e na terceira gerações, foram essas famílias de imigrantes italianos pobres que acabaram predominando até mesmo na indústria de grande porte. Uma pesquisa de estabelecimentos industriais com 250 ou mais trabalhadores em São Paulo no início da década de 60 mostrou que imigrantes estrangeiros de primeira, segunda ou terceira geração e seus herdeiros dirigiam 80% dessas firmas, sendo os italianos o maior grupo étnico individual (31%), mesmo se comparados aos brasileiros cujos avós nasceram no Brasil. Quando se consideraram os proprietários, desta vez os de empresas industriais com 100 trabalhadores ou mais, mais uma vez a origem italiana predominou sobre qualquer outro grupo — incluindo os brasileiros natos —, com uma participação de 35% do total de firmas<sup>53</sup>.

Os Estados Unidos não ofereceram aos imigrantes as mesmas oportunidades em termos econômicos ou de terras que a Argentina e o Brasil. Ao estudar a mobilidade dos italianos naquele país deparamos imediatamente com o problema da comparabilidade dos dados. Nos censos norte-americanos desse período e mesmo nos estudos especiais do Congresso e do Escritório do Censo e do Trabalho não se apresentam dados relevantes de propriedade de terra, uma das variáveis-chave que pude analisar nos casos da Argentina e do Brasil. Ademais, até mesmo nos dados de distribuição ocupacional há problemas. Estes problemas estatísticos nacionais, contudo, são compensados pela existência de várias amostras populacionais, que foram estudadas tanto por agências governamentais dos EUA como por cientistas sociais que posteriormente trabalharam com elas. Por isso, amostras de nacionalidade de famílias e de trabalhadores masculinos em grandes centros urbanos em nível local serão a base principal da discussão que se segue.

O que essas fontes divergentes revelam é que na primeira década do século XX os "novos imigrantes" tinham continuamente os empregos mais mal remunerados e de *status* mais baixo dos Estados Unidos. Além disso, quando a categoria

(43) Uma boa síntese do sucesso ou fracasso dos imigrantes italianos em conseguir a propriedade de terras pode ser encontrada em Verena Stockler, *Caféicultura, Homens, Mulheres e Capital (1850-1980)*, São Paulo, 1986, pp. 78-94. Apesar de aceitar alguns pontos do que ela chama de modelo "otimista", ela acha que até meados da década de 20 os italianos não tiveram um desempenho tão bom quanto alguns afirmaram na passagem de trabalhadores sem terras para agricultores proprietários de terras. Um exemplo da visão pessimista — ainda que mais preocupada em definir as relações de trabalho numa perspectiva marxista que em avaliar a transição de trabalhadores para proprietários de terras — é o estudo de José de Souza Martins, *O Cativo da Terra*, 2.ed., São Paulo, 1981. Ele adota uma postura claramente mais pessimista em dois ensaios posteriores: "Empresários e Trabalhadores de Origem Italiana no Desenvolvimento Industrial Brasileiro entre 1880 e 1914: O Caso de São Paulo", *Dados*, XXIV, nº 2, 1981, pp. 237-264 e "La Emigración Española en Brasil y la Formación de la Fuerza de Trabajo en la Economía Cafetalera, 1880-1930" in Nicolás Sánchez (org.), *Españoles hacia América, la Emigración en Masa, 1880-1930*, Madrid, 1988, pp. 249-269.

(44) Diretoria Geral de Estatística, *Recenseamento de... 1920*, III, I, p. xxix, Quadro 20.

(45) A abertura por estado encontra-se em *ibidem*, p. xxxv, Quadro 23 (São Paulo), p. xxxvii, Quadro 24 (Rio Grande do Sul) e p. xxxix Quadro 25 (Minas Gerais). O peso relativo de cada grupo de estrangeiros natos por estado não aparece no censo de 1920, mas pode ser obtido a partir das estimativas feitas por funcionários do consulado italiano que utilizaram o censo de 1920. Ver Bruno Zuclin, "Quanti Sono gli Italiani al Brasile?", *loc. cit.*

dos novos imigrantes foi aberta por nacionalidades, verificou-se que os italianos estavam continuamente na extremidade inferior da escala. Alguns historiadores econômicos afirmaram recentemente que esse diferencial salarial e de *status* era causado por níveis mais baixos de qualificação, falta de conhecimento de inglês e curto período de residência nos Estados Unidos; entretanto, estatísticas relativas a italianos de segunda geração — isto é, aos filhos de pais nascidos na Itália — também revelam taxas extremamente baixas de mobilidade social para essas pessoas de ascendência italiana que eram alfabetizadas e viveram toda sua vida nos Estados Unidos.

O que os relatórios da chamada Comissão Dillingham da Imigração de 1909<sup>54</sup> e a pesquisa de 1903 da Comissão do Trabalho<sup>55</sup> revelam é que os italianos continuamente se encontravam na base da escala de renda familiar e de renda masculina, e mesmo feminina, em contraste com todos os demais trabalhadores nascidos no exterior. Em todos os casos eles estavam abaixo de dois terços dos novos imigrantes, e na maioria dos casos estavam na extremidade inferior da escala. Mesmo a propriedade residencial, por vezes um investimento vultoso para os imigrantes na extremidade inferior da escala ocupacional, era um fator claramente secundário entre os italianos (apenas 12% das famílias italianas eram proprietárias de moradias em 1903, e 19% em 1909, comparados com 24% e 22%, respectivamente, do universo de famílias nascidas no exterior). O ponto em que os italianos apresentaram um aspecto positivo foi a sua capacidade de poupar. Eles eram provavelmente — se aceitarmos esta amostra nacional extremamente reduzida de 1903 — os mais poupadores entre os grupos de imigrantes (7% da renda, comparado com apenas 4% do total de estrangeiros). Esta característica, à qual voltaremos em discussões posteriores, nos diz muito a respeito das atitudes dos italianos em relação à poupança e à repatriação para a Itália. Ela também revela a inexistência de disposição para sacrificar a repatriação de poupança em favor de investimentos locais.

Uma amostragem bem feita dos italianos na cidade de Nova York no centro dos distritos italianos no início do século revela os mesmos padrões verificados nas pesquisas nacionais. A comparação da estratificação ocupacional dos italianos com a dos judeus russos, que chegaram aos Estados Unidos na mesma época, mostra quão diferente a experiência italiana de mobilidade se tornara. Os judeus russos, evidentemente, estavam no extremo oposto dos italianos em termos de repatriação, constituindo o caso clássico de imigrantes que não podiam voltar à Europa e por isso estavam mais completamente preocupados em "fazer a América". Em 1905 na cidade de Nova York os judeus russos já tinham reduzido sua parcela de pessoas com ocupações não qualificadas e semiqualficadas para 19%, em contraste com 58% dos italianos<sup>56</sup>. Obviamente esta é uma comparação extremada e em contraste com os imigrantes poloneses os italianos não apareceriam numa condição tão desfavorável. Porém, de fato ela revela o quanto a distribuição ocupacional desses italianos era assimétrica e por que eles constantemente tinham as rendas mais baixas.

A questão que deve ser colocada nesse contexto é por que os italianos continuamente tinham as taxas mais baixas de renda, propriedade e qualificação profissional. Claramente havia nos Estados Unidos um preconceito muito forte contra os italianos, especialmente aqueles considerados originários da Itália meridional. Os *Relatórios* da Comissão de Imigração (ou Dillingham) de 1910 são especialmente marcantes nos seus ataques racistas aos italianos meridionais. Porém, mais importante que a discriminação, que tendia a existir em todas as sociedades

(46) Thomas W. Merrick e Douglas H. Graham, *Population and Economic-Development in Brazil, 1800 to the Present*, Baltimore, 1979, p. 113.

(47) São Paulo, Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, *Recenseamento Agrícola-Zootécnico Realizado em 1934*, São Paulo, 1936, pp. 36-39.

(48) Antônio Francisco Bandeira Jr, *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901*, São Paulo, 1901, p. xiii.

(49) "Condições do Trabalho na Indústria Têxtil no Estado de São Paulo", *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*, I, n° 3, 1911-1912, p. 38, citado em Maram, *Anarquistas*, p. 24, n° 13.

(50) Zuleika M. Forcioni Alvim, *Emigração, Família e Luta: Os Italianos em São Paulo, 1980-1920*. Dissertação de Mestrado, USP-FFLCH, Departamento de História, 1983, p. 275. Tabela III.

(51) Wilson Cano, *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*, 2. ed., São Paulo, 1983, p. 192, tabela 23. Dentre os aproximadamente 760.000 trabalhadores homens empregados na indústria brasileira em 1920, 23% eram estrangeiros. Diretoria Geral de Estatística, *Recenseamento... de 1920*, IV, 5, tomo I, p. xv.

(52) Trento, *Do outro Lado*, pp. 141-144, 151.

(53) Luis Carlos Bresser Pereira, *Empresários e Administradores no Brasil*, São Paulo, 1974, pp. 73, 79.

americanas que receberam imigrantes estrangeiros, eram as preferências dos próprios italianos e a natureza do mercado de trabalho no qual eles ingressaram.

Os italianos concentraram deliberadamente suas atividades em empregos inseguros e não qualificados, que tinham pequeno potencial para altos volumes de poupança. Eles também tendiam a se concentrar nas regiões e cidades em que tais empregos eram mais abundantes, e a evitar os estados do Meio-Oeste, por exemplo, onde o coração industrial do país estava se desenvolvendo, e do Sul, onde o seu mercado era restringido pela abundante força de trabalho negra e branca. A disponibilidade limitada de ocupações agrícolas, que crescia a uma taxa mais baixa que o resto da força de trabalho, também oferecia poucos atrativos. Os empregos em construção, estradas, indústrias e comércio, ao contrário, estavam crescendo mais rapidamente que a taxa de expansão da força de trabalho<sup>57</sup>. Conseqüentemente os italianos se concentravam em todas essas ocupações em expansão, com exceção da indústria. Nos Estados Unidos, assim como na Argentina e no Brasil, a estratégia deu resultados positivos. Com os salários diários médios dos trabalhadores variando de US\$ 1,25 a US\$ 1,50 e com o preço médio da passagem de terceira classe em navios a vapor entre US\$ 15 e US\$ 20 por pessoa da Europa para os Estados Unidos, não é de espantar que a resposta italiana ao mercado de trabalho norte-americano foi tão elástica<sup>58</sup>. Ademais, os salários reais nos Estados Unidos, assim como na Argentina e provavelmente no Brasil, tiveram um movimento ascendente na maior parte do período de 1880 até a primeira década do século XX<sup>59</sup>.

Assim, a resposta dos italianos às condições do mercado de trabalho explica parcialmente sua concentração em determinados empregos de baixo *status*, mas economicamente remunerativos. Mas justamente devido à sua resposta àquele mercado, a metade dos imigrantes que decidiu permanecer e construir uma comunidade para si viu-se, como conseqüência do seu cronograma e concentração, numa situação desfavorável na concorrência tanto com outros grupos de imigrantes, como com norte-americanos natos. A concentração dos italianos nos centros urbanos dos estados do Nordeste norte-americano foi uma influência negativa sobre as suas taxas futuras de mobilidade. Como mostra uma pesquisa recente sobre mobilidade e situação ocupacional, "As oportunidades para os migrantes no século XIX eram maiores nas comunidades novas e pequenas fora do Nordeste"<sup>60</sup>. Essa desvantagem espacial também influenciou a mobilidade social na primeira década do novo século. A decisão dos italianos de se concentrarem nas regiões mais antigas (72% viviam nos estados do Nordeste em 1910) e principalmente em áreas urbanas (78%) teve a longo prazo um impacto negativo sobre a sua mobilidade social e econômica potencial<sup>61</sup>. Esta decisão de se concentrar no Nordeste urbano foi razoável em termos de renda potencial para trabalhadores não qualificados, mas transformou-se num fator negativo em termos da sua possibilidade de avanço quando se estabeleceram comunidades permanentes. Isto por sua vez ajuda a explicar as taxas relativamente baixas de mobilidade que foram observadas no caso dos italianos, se comparados aos outros grupos de "novos imigrantes". Portanto, a importância relativa dos italianos na força de trabalho, a sua chegada tardia aos Estados Unidos e a sua conseqüente concentração em empregos não qualificados e de baixo *status* tenderam, em conjunto, a tornar a sua mobilidade naquele país bastante diferente da sua experiência na Argentina.

Quando os italianos finalmente se estabeleceram, encontraram o acesso aos empregos de alto *status* bloqueado, depararam com a agricultura nas mãos dos norte-americanos natos e de outros imigrantes e se viram frente a uma estrutura

(54) U.S. Immigration Commission, *Reports*, Washington, D.C., 1909, vol. I, pp. 407-412, 468.

(55) U.S. Commissioner of Labor, *Eighteenth Annual Report, 1903*, Washington, D.C., 1904, *passim*.

(56) Kessner, *The Golden Door*, pp. 52, 60.

(57) U.S. Bureau of the Census, *Historical Statistics of the United States*, pp. 139, 144-145.

(58) Gould, "European Inter-Continental Emigration, 1815-1914", pp. 611-615; Philip Taylor, *The Distant Magnet. European Emigration to the U.S.A.*, Nova York, 1971, cap. 8; e Sori, *L'Emigrazione Italiana*, cap. 8.

(59) Entre 1870 e 1914 os salários reais, tanto por hora como diários, aumentaram em mais de 30% na indústria e de 1880 a 1914 os salários reais cresceram 48% para todos os trabalhadores não agrícolas. Albert Rees, *Real Wages in Manufacturing, 1890-1914* National Bureau of Economic Research, Princeton, 1961, p. 120; e U.S. Bureau of the Census, *Historical Statistics of the United States*, pp. 164-165.

(60) Kirk e Kirk, "The Immigrant", pp. 231-232.

industrial totalmente dominada por norte-americanos natos e caminhando rapidamente para situações de monopólio. Isto não significa que não houvesse bolsões de mobilidade rápida para alguns italianos. Os 9% dos italianos registrados como residentes no Oeste em 1910 claramente tinham muito em comum com os italianos que foram para a Argentina e o Brasil. Tendo chegado cedo ao processo de colonização, eles rapidamente ingressaram na agricultura e na produção de vinho, e logo adquiriram taxas de mobilidade que provavelmente eram comparáveis às da América do Sul. Contudo, para a maioria dos italianos, o seu estabelecimento concentrado nas regiões mais antigas dos Estados Unidos significou que a mobilidade de longo prazo, mesmo para a segunda geração, se deu num nível bem mais baixo que a experimentada por outros grupos de imigrantes, tanto das novas como das antigas migrações. Os italianos não tiveram um desempenho comparativamente tão bom em termos de mobilidade ocupacional, educacional ou social.

Uma análise do censo dos EUA de 1950, por exemplo, mostra que os italianos de primeira e de segunda geração apresentavam a porcentagem mais alta de trabalhadores não qualificados e não agrícolas e a mais baixa parcela de profissionais de nível superior entre todos os grupos de imigrantes. Apenas os poloneses tinham menos trabalhadores de nível superior e somente os irlandeses tinham uma proporção menor de artesãos<sup>62</sup>. Este padrão de mobilidade mais baixa entre os italianos fica ainda mais evidenciado num estudo detalhado, feito em 1950, sobre imigrantes de primeira e de segunda geração em Boston, um dos principais centros de estabelecimento dos migrantes italianos. Os italianos eram os mais pobres entre os principais grupos étnicos da cidade, tendo em média o menor grau de escolaridade, o menor número de trabalhadores de nível superior e de alto *status* e a renda mais baixa<sup>63</sup>.

Assim, mesmo uma geração após a imigração maciça da Itália, os italianos não tinham atingido uma taxa de mobilidade significativa nos Estados Unidos, se comparados não só aos norte-americanos natos brancos, mas até mesmo a todos os outros grupos de imigrantes. Contudo, em 1920 quase metade da assim chamada *colônia* italiana, como definida pelo censo, era nascida nos Estados Unidos, cifra esta que aumentou para mais de dois terços das pessoas de origem italiana no país em 1950. Fica claro que os italianos na Argentina e no Brasil tinham atingido uma situação nas suas profissões, na propriedade de terras e na indústria, nas décadas de 1910 e 1920, que não foi atingida em 1950 pelos seus contemporâneos que migraram para os Estados Unidos.

Esta pesquisa muito preliminar da imigração italiana comparada revela vários temas importantes. Os italianos que migraram para a Argentina, o Brasil e os Estados Unidos estavam preocupados em acumular poupança através dos salários mais altos disponíveis nas Américas. Na maioria dos casos, os imigrantes supunham que aquela poupança seria investida na Itália em terras ou outras atividades econômicas, de forma a melhorar sua situação econômica e condição social.

Na Argentina as oportunidades econômicas relativas eram tais que muitos imigrantes foram atraídos a investir sua poupança na economia local. Artesãos qualificados e profissionais de nível superior, ademais, foram mais atraídos pela situação argentina por causa da rápida expansão tanto da agricultura como da indústria. Como os italianos eram o principal grupo de imigrantes e de fato constituíam aproximadamente 14% da população nacional, o seu potencial para investimento da sua poupança na América era extraordinário. O fato, não obstante, de tantos

(61) Em 1920, 84% dos residentes nos Estados Unidos nascidos na Itália viviam em áreas urbanas e 73% viviam no Nordeste. Esta era a concentração mais alta nesta região para qualquer grupo de imigrantes. Quando se juntam os italianos de primeira geração e os de segunda, a sua concentração no Nordeste em 1920 se eleva para 81%. Niles Carpenter, *Immigrants and Their Children, 1920*, Washington, 1927, pp. 368, 372. Sobre a distribuição ocupacional dos italianos e o seu papel relativamente limitado na agricultura norte-americana, especialmente em contraste com seu papel bem mais importante na agricultura argentina e na brasileira, ver Foerster, *The Italian Emigration of Our Times*.

(62) E.P. Hutchinson, *Immigrants and Their Children, 1850-1950*, Nova York, 1956, pp. 335-349.

(63) Stephen Thernstrom, *The Other Bostonians: Poverty and Progress in the American Metropolis, 1880-1970*, Cambridge, Mass., p. 172. Mesmo em 1960, uma pesquisa do Escritório do Censo dos EUA sobre os homens de segunda geração mostra que, de todos os ditos "novos imigrantes" da Europa meridional e oriental os italianos norte-americanos tinham a porcentagem mais baixa de profissionais de nível superior entre todos os grupos etários, incluindo os mais jovens (os de 25 a 34 anos de idade). Stanley Lieberson, *A Piece of the Pie: Blacks and White Immigrants Since 1880*, Berkeley, 1980, p. 330.

terem voltado para a Itália testemunha a fortíssima intenção da maioria dos imigrantes de voltar para seu país natal.

De maneira geral, os mesmos fatores de diferencial de salários e alto potencial de poupança atraíram os italianos em números ainda maiores para os Estados Unidos. Lá as oportunidades para os trabalhadores não qualificados eram extraordinárias, ainda que a disponibilidade de empregos na indústria pesada e na agricultura fosse menor que na Argentina. Mas o mercado de trabalho para trabalhadores não qualificados e de baixo *status* estava se expandindo tão rapidamente que os italianos verificaram que mesmo a sua concorrência com outros grupos de imigrantes não era um impedimento para a rápida acumulação de poupança. O fato de a maioria deles ter voltado para a Itália é um testemunho do acerto da sua análise das condições do mercado abertas para eles. Porém, para aqueles que ficaram, o relativo fechamento do acesso aos empregos de alto *status* e as estratégias iniciais que enfatizaram a renda corrente e a repatriação de poupança, em detrimento do investimento local em terras ou na educação, reduziram a sua mobilidade ocupacional. Os italianos de segunda geração ainda estavam mais concentrados em empregos não qualificados e manuais do que a maioria dos outros grupos de imigrantes. Apesar de a terceira geração de ítalo-americanos aos poucos ter-se tornado indistinguível dos norte-americanos natos, o processo de assimilação levou muito mais tempo nos Estados Unidos do que na Argentina. O fato mais importante é que foi a estrutura relativa de cada mercado de trabalho dos países receptores que determinou os padrões de migração e de mobilidade dos imigrantes que permaneceram. Nenhum fator significativo na origem italiana dos imigrantes ou em sua formação cultural pode explicar tão completamente a história social e econômica dos italianos na América.

Herbert S. Klein é professor de História da Universidade de Columbia e pesquisador-visitante (1988-89) no Cebrap, sob o patrocínio da Fundação Fulbright.

Tabela 1  
Estimativa da Migração Anual de Italianos para as Américas, 1876-1914

Período	Argentina	Brasil	Estados Unidos	Outros	Total
1876-80	8.871	3.722	2.675	11.067	26.335
1881-85	26.532	8.371	14.952	8.527	58.382
1886-90	51.769	34.739	34.094	9.818	130.420
1891-95	31.117	65.981	41.319	8.374	146.791
1896-1900	42.247	50.064	61.546	7.152	161.009
1901-05	55.702	40.021	199.670	11.702	307.095
1906-10	91.217	20.652	266.220	13.826	391.915
1911-14	62.799	25.954	250.745	22.296	361.794

Por motivos técnicos, nem sempre foi possível dispor as tabelas em ordem numérica crescente; portanto, se uma tabela não for encontrada na posição normal, deve ser encontrada nas páginas seguintes ou anteriores. (NR)

Fonte: Istituto Centrale di Statistica, *Bolettino Mensile di Statistica* (Gennaio, 1975), Anno 5, n° 1, Apêndice 2: "Espatriati e Rimpatriati, anni 1876-1973", pp. 254-255. Estas estatísticas representam o esforço italiano mais recente de estimar a migração e aparentemente são uma combinação criteriosa das antigas séries do DGS e do CGE (Escritório de Estatísticas e Comissariado da Emigração). Para uma crítica oportuna dessas séries mais antigas, ver Marcello Carmagnani e Giovanna Mantelli, "Fonti Quantitative Italiane Relative all'Emigrazione Italiana verso l'America Latina (1902-1914)", *Annali della Fondazione Luigi Einaudi*, 9 (1975).

Tabela 2  
Proveniência Regional dos Imigrantes Italianos e Seus Países de Destino na América, 1876-1930 (em porcentagem)

Período	Itália Setentrional*	Itália Central	Itália Meridional	Total
I. BRASIL				
1876-1900	59	10	31	814.388
1901-13	22	13	65	393162
1914-18	33	14	53	19.932
1919-27	37	13	49	85.512
1928-30	32	16	53	6.689
Total 1876-1930 (Número)	46 (611.634)	11 (143.892)	43 (564.157)	1.319.683
II. ARGENTINA				
1876-1900	55	9	35	801.362
1901-13	33	14	53	950.970
1914-18	38	15	48	48.877
1919-27	34	13	53	507.187
1928-30	47	8	45	77.791
Total 1876-1930 (Número)	41 (988.235)	12 (281.577)	47 (1.116.369)	2.386.181
III. ESTADOS UNIDOS				
1876-1900	10	3	87	772.792
1901-13	11	10	79	3.164.951
1914-18	14	10	75	299.748
1919-27	12	8	80	731.090
1928-30	15	12	72	90.195
Total 1876-1930 (Número)	11 (564.345)	9 (460.227)	80 (4.034.204)	5.058.776

(\*) As divisões regionais aqui utilizadas são as vigentes antes de 1919, isto é, a Itália Setentrional inclui Piemonte, Ligúria, Lombardia e Vêneto; a Itália Central engloba Emilia, Toscana, Marche, Umbria e Lácio; e a Itália Meridional inclui as demais divisões peninsulares e as ilhas.

Fonte: Associazione per lo Sviluppo dell'Industria nel Mezzogiorno (SVIMEZ), *Statistiche sul Mezzogiorno d'Italia, 1861-1951* (Roma, 1954), pp. 123-124.

Tabela 3  
 Procedência Regional dos Imigrantes Italianos Transatlânticos, 1876-1914

Período	% da Itália Setentrional	% da Itália Central	% da Itália Meridional	Número Total de Migrantes Transatlânticos	Migrantes Transatlânticos como % de todos os migrantes
1876-79	61	6	33	99.722	24
1880-84	45	7	48	254.750	35
1885-89	39	11	50	514.949	54
1890-94	32	11	57	566.260	51
1895-99	29	11	60	787.521	54
1900-04	13	12	74	1.265.632	53
1905-09	15	13	71	2.012.774	60
1910-14	17	14	69	1.861.644	57
Total, 1876-1914	26	10	64	7.363.252	55

Obs.: As divisões regionais utilizadas são as vigentes antes de 1919.

Fonte: Commissariato Generale dell'Emigrazione, *L'Emigrazione Italiana dal 1910 al 1923, passim*.

Tabela 5  
 Ocupação dos Imigrantes da Argentina e dos Estados Unidos, 1876-1910 (em porcentagem)

Ocupação	Argentina	(1876-1909)	Estados Unidos	(1899-1910)
	Italianos	Todos os imigrantes	Italianos	Todos os imigrantes
Agricultores e trabalhadores agrícolas	68	56	33	25
Diaristas não qualificados	13	18	43	36
Trabalhadores qualificados e semiquilificados	10	12	16	22
Comerciantes	2	5	1	2
Outras	6	9	6	16
Número de imigrantes com ocupação registrada	1.475.073	2.644.642	1.768.281	7.049.010
Número de imigrantes sem ocupação registrada	208.888	436.906	516.320	2.506.717

Fontes: Dirección Nacional de Migraciones, *Memórias Anuales, 1899-1910* e U.S. Immigration Commission (Dillingham Commission), *Reports*, volume 3: *Statistical Review of Immigration, 1820-1910* (Washington, 1911), pp. 98-178.

Tabela 4  
 Características Comparativas da População Italiana

	Norte	Mezzogiorno
<b>ESTRUTURA ETÁRIA (1901)</b>		
0-14 anos	34%	35%
15-39 anos	37%	36%
40-59 anos	19%	20%
60 ou + anos	10%	10%
<b>RAZÃO DE SEXOS (1901)</b>		
Total de homens para total de mulheres	100,5	96,8
<b>ESTATÍSTICAS VITAIS (1910-12)</b>		
Taxa de natalidade bruta	31,4	34,0
Taxa específica de natalidade por 1.000 mulheres de 14 a 45 anos	269	271
Natimortos por 1.000 nascidos vivos	39,8	43,6
Taxa de mortalidade infantil (mortes antes de 1 ano por 1.000 nascidos vivos)	137,4	147,3
Taxa de mortalidade bruta	18,5	21,9
Taxa de crescimento vegetativo	12,9	12,2
<b>ESTADO CIVIL (1901)</b>		
Solteiro	33%	30%
Casado	54%	57%
Viúvo	13%	12%
<b>ESTRUTURA FAMILIAR (1913-1914)</b>		
Idade média ao casar para homens	27,6 anos	27,1 anos
Idade média ao casar para mulheres	23,8 anos	23,3 anos
Tamanho médio da família (1911)	4,8 pessoas	4,1 pessoas
<b>ALTURA DOS HOMENS ALISTADOS</b>		
	165,03 cm	161,83 cm
<b>POPULAÇÃO TOTAL</b>		
1881	17,3 milhões	11,2 milhões
1901	19,7 milhões	12,7 milhões
1911	21,4 milhões	13,3 milhões
<b>SALDO MIGRATÓRIO LÍQUIDO</b>		
1881-1901	1.250.000	930.000
1901-1911	787.000	859.000
<b>DISTRIBUIÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO</b>		
<b>MASCULINA (1901)</b>		
Agricultura	57%	62%
Indústria	25%	21%
Transportes	4%	4%
Comércio	6%	5%
Outros	8%	8%
<b>ÍNDICE DE RENDA PER CAPITA MÉDIA (1928)</b>		
(Itália = 100)	117,2	69,5
<b>TAXA DE ANALFABETISMO (1901)</b>		
Pessoas acima de 5 anos de idade	33,9%	68,1

Fontes: SVIMEZ, *Statistiche sul Mezzogiorno, passim*; e Istituto Centrale di Statistica, *Sviluppo della Popolazione Italiana dal 1861 al 1961* (Roma, 1965), pp. 56-63, 301.

 Tabela 6  
 Ocupação dos Migrantes Italianos Adultos Homens, 1876-1910 (em porcentagem)

Período	Agricultores e trabalhadores agrícolas	Diaristas não qualificados	Trabalhadores da construção civil qualificados	Trabalhadores industriais e artesãos	Profissionais liberais	Outras e desconhecida
1876-78	42	21	16	12	0,7	8
1884-86	50	23	12	8	0,6	6
1894-96	45	26	17	6	0,6	5
1904-06	36	32	13	12	0,3	7
1907-10	35	33	13	11	0,4	7

Obs: "Adultos" aqui são considerados os homens com mais de 15 anos de idade.  
 Fonte: Francesco Coletti, *Dell' Emigrazione Italiana*, Milão, 1912, p. 55.

Tabela 7  
Características dos Imigrantes Italianos e dos Ítalo-Americanos de Primeira Geração em Comparação com o Total dos Imigrantes, 1899-1910

	Italianos do Norte	Italianos do Sul	Total dos Italianos	Total dos Imigrantes
<b>ESTRUTURA OCUPACIONAL</b>				
Profissionais de nível superior	1%	1%	1%	1%
Trabalhadores qualificados	20%	15%	16%	20%
Trabalhadores agrícolas	19%	34%	32%	23%
Diaristas	48%	8%	9%	19%
Outros	12%	8%	9%	19%
<b>RAZÃO DE SEXOS</b>				
(Total de homens para total de mulheres)		367,5	366,5	227,8
Imigrantes, 1899-1910	361,2			
Imigrantes, 1893-1914			325,0	
Residentes nascidos no exterior, 1910			190,6	131,1
<b>ESTRUTURA ETÁRIA</b>				
Imigrantes, 1899-1913				
Abaixo de 15 anos	9%	12%	11%	12%
15-44 anos	87%	82%	83%	82%
45 anos ou +	4%	6%	6%	5%
Residentes nascidos no exterior, 1920				
Abaixo de 15 anos	9%	12%	11%	12%
15-44 anos			70%	56%
45 anos ou +			25%	40%
<b>TAXA DE ANALFABETISMO</b>				
Pessoas acima de 14 anos	12%	54%	47%	27%
<b>SITUAÇÃO FINANCEIRA</b>				
Poupança média ao chegar dos que declararam renda	US\$ 30,76	US\$ 17,14	US\$ 19,45	US\$ 28,95
Pessoas que chegaram com menos de US\$ 30, 1899-1903	37%	7%	n.d.	18%
Pessoas que chegaram com menos de US\$ 50, 1904-1914	14%	6%	n.d.	14%

Fontes: U.S. Immigration Commission, *Reports*, 3: 47, 84, 95, 350; Massimo Livi Bacci, *L'Emigrazione e l'Assimilazione degli Italiani negli Stati Uniti Secondo le Statistiche Demografiche Americane* (Milão, 1961), p. 103; e U.S. Bureau of the Census, *Thirteenth Census of the United States... 1910*, 1 (Washington, 1913): 866; e *Historical Statistics of the United States from Colonial Times to 1972*, 1 (Washington, 1975): 16-17.

Tabela 10  
Casamentos de Estrangeiros com Brasileiros Natos no Estado de São Paulo entre os Casamentos Ocorridos em 1916-1917

MULHERES						
HOMENS	Brasileiras	Italianas	Espanholas	Portuguesas	Outras	TOTAL
Brasileiros	36.345	1.187	516	325	130	38.503
Italianos	3.807	2.119	221	100	81	6.328
Espanhóis	1.039	162	2.125	84	14	3.424
Portugueses	1.748	183	170	1.668	91	3.860
Outros	649	95	39	51	343	1.177
TOTAL	43.588	3.746	3.071	2.228	659	53.292

Fonte: São Paulo, Diretoria do Serviço Sanitário do Estado, Seção de Estatística Demográfico-Sanitária, *Anuário Demográfico*, Anno XXIII (1916) e Anno XXIV (1917).

Tabela 8  
Características dos Imigrantes Italianos e dos Ítalo-Argentinos de Primeira Geração em Comparação com o Total dos Imigrantes, 1893-1914

	Total dos Italianos	Total dos residentes nascidos no exterior
<b>ESTRUTURA ETÁRIA</b>		
Residentes em 1914		
Abaixo de 15 anos	7%	10%
15-44 anos	61%	66%
45 anos ou +	32%	25%
Imigrantes, 1893-1909		
Abaixo de 13 anos	15%	15%
13 anos ou +	85%	85%
<b>RAZÃO DE SEXOS (Total de homens para total de mulheres)</b>		
Imigrantes, 1893-1909	267,8	260,6
Residentes nascidos no exterior, 1914	171,2	166,7
<b>ESTADO CIVIL (Residentes, 1914)</b>		
Solteiro	27%	36%
Casado	65%	57%
Viúvo	8%	7%
<b>TAXA DE ANALFABETISMO (Residentes, 1914)</b>		
Pessoas com 7 anos ou mais	36%	32%

Obs: Faltam dados de idade dos imigrantes para cinco anos — 1901-03 e 1905-06.

Fontes: República Argentina, *Tercer Censo Nacional de...* 1914, 10 vols. (Buenos Aires, 1916), *passim*; e Dirección General de Inmigración, *Resumen Estadístico del Movimiento en la República Argentina, años 1857-1924* (Buenos Aires, 1925), 19, e *Memórias Anuais, 1899-1910*.

Tabela 9  
Características dos Principais Grupos de Imigrantes que Chegaram pelo Porto de Santos, 1908-1936

	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Japoneses	Total
<b>POPULAÇÃO TOTAL</b>	202.749	275.257	209.282	176.775	1.222.282
Nº de grupos familiares	28.374	35.044	33.955	31.412	174.928
% de Sós	42	53	18	5	37
<b>IDADES</b>					
% acima de 12 anos	78	81	68	70	77
% 7-12 anos	8	7	12	11	8
% menos de 12 anos	14	12	20	19	15
<b>RAZÃO DE SEXOS</b>	1,83	2,12	1,46	1,28	1,76
<b>ESTADO CIVIL</b>					
% casados	42	43	37	42	39
% solteiros	55	55	60	56	58
% viúvos	3	2	3	2	2
<b>ANALFABETOS* (%)</b>	32	52	65	10	34
<b>OCUPAÇÃO</b>					
% Agrícola	50	48	79	99	59

(\*) Taxa de analfabetismo da população com 7 anos de idade ou mais.

Fonte: São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Directoria de Terras, Colonização e Imigração (D.T.C.I.), *Boletim*, I: 1 (outubro, 1937), Apêndice, tabela não numerada: "Movimento Imigratorio pelo Porto de Santos, 1908 a 1936" e Quadro A-16, p. 69.

Tabela 11  
Propriedade de Terras entre Grupos de Imigrantes de Primeira Geração no Brasil, 1920

Nacionalidade	Nº de Fazendas	Tamanho Médio (hectares)	Valor Médio por Hectare (mil-réis)	Participação no Total das Fazendas (%)	Participação na Área Total das Fazendas (%)	Participação no Valor Total (%)	Participação na População Total (%)
Italianos	35.894	76	170	5,54	1,57	4,41	1,82
Portugueses	9.552	380	71	1,47	2,07	2,45	1,42
Espanhóis	4.725	95	173	0,73	0,26	0,73	0,72
Japoneses	1.165	37	117	0,18	0,02	0,05	0,16
Total de Estrangeiros	79169	136	106	15,79	6,14	10,74	5,11
Brasileiros*	545.866	266	57	84,21	82,81	78,19	94,88
TOTAIS	648.153	270	60	100,00	100,00	100,00	100,00

(\*) Dada a menor idade média e a proporção mais baixa de homens na população de brasileiros natos, as taxas de participação subestimam a sua importância relativa como proprietários de terras em relação a sua participação na população total.

Fonte: Diretoria Geral de Estatísticas, Recenseamento do Brasil... 1 de Setembro de 1920, vol. III., 11 ("Agricultura"), p. xxxii, quadro 22 e, para a última coluna (sobre a participação na população total), ibidem, IV, 11 ("População"), pp. lxiii, 312-315.

Tabela 12  
Propriedade de Fazendas de Café por Parte de Estrangeiros em São Paulo, 1934

Nacionalidade	% das Fazendas	% dos Pés de Café	% da Produção de Café (arrobas)	% da População do Estado
Espanhóis	9,1	7,4	7,5	2,5
Italianos	24,2	21,5	21,4	4,7
Portugueses	6,3	6,0	5,5	2,7
Japoneses	5,6	3,6	3,4	2,0
Total dos estrangeiros	47,5	42,2	41,2	14,5
Brasileiros	52,3	57,4	58,4	85,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Número	82.305	1.480.433.324	80.625.015	6.433.327

(\*) Em vários casos os números não totalizam 100% por causa da inclusão de estrangeiros de origem desconhecida.  
Fonte: São Paulo, Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, Recenseamento Agrícola-Zootécnico Realizado em 1934 (São Paulo, 1936), p. 35; e para a população total do estado em 1934, Secretaria dos Negócios Metropolitanos, Emplasa, Reconstituição da Memória Estatística da Grande São Paulo (2 vols; São Paulo, 1983), II, pp. 165 (tabela I-11) e 171 (tabela I-21).

Novos Estudos  
CEBRAP  
Nº 25, outubro de 1989  
pp. 95-117